

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Cláudio Santana de Carvalho

**AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS NA OBRA**  
***MEDITAÇÕES METAFÍSICAS*, DE RENÉ DESCARTES**

Teresina

2014

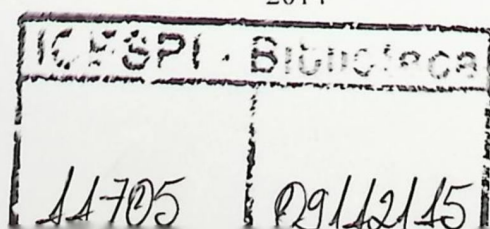
CLÁUDIO SANTANA DE CARVALHO

**AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS NA OBRA  
*MEDITAÇÕES METAFÍSICAS*, DE RENÉ DESCARTES**

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho.

Teresina

2014



Cláudio Santana de Carvalho

**AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS NA OBRA  
MEDITAÇÕES METAFÍSICAS, DE RENÉ DESCARTES**

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho.

Aprovado em: 04 de dezembro de 2014.

Banca examinadora



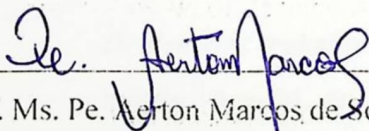
Prof. Ms. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho

Orientador



Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana

Examinador



Prof. Ms. Pe. Aerton Marcos de Sousa e Silva

Examinador

*Dedico este trabalho à todos aqueles que acreditam em minha vocação, que rezaram por mim e estão sempre presentes em minha vida. Quero de maneira especial dedicar à minha Mãe, a meu Pai, à minha irmã e a todos os meus familiares e amigos.*



## AGRADECIMENTO

*Por meio de Maria Santíssima, elevo toda gratidão à Trindade Santa. Quero do fundo do meu coração agradecer a todos que acreditam em mim. Agradecer à minha mãe Teresa, ao meu pai Calixto e à minha querida irmã, Thaila Ravena. Agradecer também ao meu Pároco, Padre José Pio Feitosa, pela atenção e apoio nesta caminhada. A todos os meus amigos, que sempre estão ao meu lado, principalmente nas horas em que mais preciso. Especialmente quero agradecer aos meus grandes amigos e irmãos de caminhada: Henrique Secundo, Angelo José e Igor Torres, pois com sua disposição e paciência me auxiliaram na correção gramatical e em algumas dúvidas que surgiram ao longo da pesquisa. Não posso deixar de agradecer principalmente ao meu orientador Padre Anchieta, pois, com paciência e disposição, me orientou muito bem, guiando-me para uma reflexão segura, conforme o objetivo principal do trabalho; sua presença foi mais que a de um orientador, foi a de um grande amigo e pai espiritual. Agradeço aos meus formadores, que tanto me ajudam na caminhada, de modo especial ao Padre Clodomiro, Padre Aerton e Pe. Gilberto Felipe. Agradeço ainda ao ICESPI (Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí) bem como a todos os professores que ao longo destes três anos me ajudaram no crescimento intelectual, dentre eles, destaco Padre Wellistony, cujas aulas de Filosofia Moderna me inspiraram a trabalhar o pensamento de Descartes. Agradeço também a toda a Diocese de Picos, na pessoa do Excelentíssimo e Reverendíssimo Dom Plínio José Luz da Silva, por acreditar e depositar confiança em minha vocação. Pretendo corresponder da melhor forma possível aos anseios da Diocese. Agradeço também a todos que fazem parte do Projeto Amigos do Seminário e que contribuem através de suas orações e ajuda financeira em nossa formação. Enfim, agradeço a todos que de forma direta e indireta me ajudaram na execução desta pesquisa. Deus os recompensará.*

*"Com o nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente, e pela qual eu mesmo e todas as demais coisas que existem temos sido criados e produzidos".*

*René Descartes*

## RESUMO

A discussão quanto à existência de um Ser perfeitíssimo permeou toda a história da Filosofia. Na modernidade, René Descartes refletiu esse tema segundo a posição racionalista. O objetivo deste trabalho é abordar as três provas da existência de Deus presentes nas *Meditações Metafísicas*, do pensador francês, sendo duas *a posteriori* e a última *a priori*. Inicialmente, serão abordados o contexto histórico do filósofo e o método cartesiano, que, aplicado às *Meditações Metafísicas*, possibilita a busca das primeiras certezas no caminho empreendido até as provas da existência de Deus. Em seguida, pela necessidade de recorrer a um Ser supremo, são apresentadas as duas primeiras provas da existência divina: a primeira, a partir da ideia que se tem de Deus e a segunda, da necessidade de conhecer a existência do eu na posse da ideia de Deus. Por fim, caracteriza-se o argumento ontológico ou terceira prova, historicamente construído sob a influência de Santo Anselmo e São Tomás, para os quais Deus existe por si mesmo, como o Ser que, contendo em si todas as perfeições, tem de imediato incluída entre elas a existência. A posição cartesiana, embora não definitiva, desvela a razoabilidade do tema de Deus e do seu valor para o homem, ainda que, de início, a reflexão se limite ao âmbito epistemológico.

**Palavras-chave:** René Descartes. *Meditações Metafísicas*. Provas *a posteriori*. Argumento ontológico.



## ABSTRACT

The discussion regarding the existence of an absolutely perfect Being permeated the whole history of philosophy. In modernity, René Descartes reflected according to the rationalist position. The objective of this work is to address the three proofs of the existence of God present in the *Metaphysical Meditations* of the French thinker. Two of them are *a posteriori* and the last *a priori*. Initially, it's presented the historical context of the philosopher and the Cartesian method, which applied to the *Metaphysical Meditations*, enables the search of the first certainties on the path undertaken by the evidence of God's existence. In the second chapter, the need to resort to a supreme Being, we present the first two proofs of God's existence: the first, from the idea that one has of God; and second, the need to know the existence of the self in possession of the idea of God. Finally, we characterized the ontological proof or third argument, historically constructed under the influence of St. Anselm and St. Thomas and to which God exists by itself as the Being, containing within itself all the perfections, included among them the existence. The Cartesian position, although not definitive, reveals the reasonableness of the theme of God and of their value to humans, although at first, the discussion has been restricted to the epistemological framework.

**Keywords:** René Descartes. *Metaphysical Meditations*. Evidence *a posteriori*. Ontological argument.

## SUMÁRIO

|     |                                                                                    |    |
|-----|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1   | INTRODUÇÃO .....                                                                   | 9  |
| 2   | O MÉTODO DE DESCARTES .....                                                        | 11 |
| 2.1 | Contexto histórico da vida de Descartes.....                                       | 11 |
| 2.2 | O método cartesiano .....                                                          | 13 |
| 2.3 | O método nas <i>Meditações Metafísicas</i> .....                                   | 15 |
| 3   | A IDEIA INATA DE DEUS E OS GRAUS DE PERFEIÇÃO .....                                | 21 |
| 3.1 | A necessidade de recorrer a um ser supremo .....                                   | 21 |
| 3.2 | A busca da primeira certeza através da origem das ideias .....                     | 22 |
| 3.3 | A primeira prova da existência de Deus pelos efeitos ( <i>a posteriori</i> ) ..... | 24 |
| 3.4 | A segunda prova da existência de Deus ( <i>a posteriori</i> ) .....                | 28 |
| 4   | A EXISTÊNCIA DE DEUS NO ARGUMENTO ONTOLÓGICO .....                                 | 31 |
| 4.1 | Deus e a não possibilidade de erro .....                                           | 31 |
| 4.2 | O argumento ontológico em Santo Anselmo e em Santo Tomás de Aquino .....           | 33 |
| 4.3 | A terceira prova da existência de Deus ( <i>a priori</i> ) .....                   | 35 |
| 5   | CONCLUSÃO .....                                                                    | 39 |
|     | REFERÊNCIAS .....                                                                  | 41 |



## 1 INTRODUÇÃO

A Filosofia é marcada em toda a sua história pela atenção empregada à reflexão e pela busca contínua do conhecimento de temas relevantes. A existência de um Ser perfeito, por exemplo, ocupa boa parte da história da Filosofia. Esse tema ganhou em cada período diferentes nuances, mas em todas elas, recorre-se a um Ser maior, ou seja, a um Ser supremo, Deus mesmo. Na Filosofia moderna, não foi diferente. René Descartes (1596-1650), considerado o pai da modernidade, inaugurou nesta fase o argumento da existência divina à luz da razão, no contexto do seu sistema filosófico. O Ser perfeito ou divino é abordado por ele conforme a visão antropocêntrica: Deus se encontra no próprio homem através da posse da ideia de Deus. O Deus de Descartes, portanto, é um Deus metafísico.

A filosofia do racionalista francês não é um conteúdo restrito à modernidade, mas uma reflexão possivelmente atual, de modo que é praticamente impossível falar de Filosofia sem citar Descartes como o inspirador de uma doutrina racional emancipadora do homem através do conhecimento verdadeiro, de ideias claras e distintas.

Neste intuito, o presente trabalho objetiva apresentar as três provas da existência de Deus enunciadas nas *Meditações Metafísicas* de René Descartes. Dos seis pequenos livros que compõem a obra, o terceiro e o quinto apresentam três provas da existência de Deus. As duas primeiras provas, de caráter *a posteriori*, encontram-se na *Terceira Meditação*, e a última, de forma *a priori*, na *Quinta Meditação*, esta também conhecida como argumento ontológico. Essas demonstrações surgiram a partir da validação do sistema cartesiano, em função da busca do filósofo por um conhecimento seguro e verdadeiro, capaz de guiar o espírito do homem em direção à sabedoria.

Nosso trabalho estrutura-se, nesta perspectiva, em três capítulos. No primeiro, abordam-se aspectos do contexto histórico da vida de René Descartes, a fim de se alcançar melhor compreensão do ambiente em que desenvolveu seu sistema filosófico. O capítulo trata ainda, de forma geral, do seu método filosófico, com a intenção de revelar qual a sua importância nas *Meditações Metafísicas*. O método cartesiano é essencialmente racional, e tem por fim último a construção de um conhecimento seguro, de um edifício filosófico que leve o homem a “começar” dele mesmo, ou seja, do seu interior, a busca de verdades. Este método influenciou em grande medida a elaboração das provas da existência de Deus. Elas anunciam o caminho trilhado por Descartes em busca das primeiras certezas de seu plano filosófico.

No segundo capítulo, são refletidas as seguintes temáticas: a presença de Deus no pensamento filosófico, a necessidade de se recorrer a um Ser supremo, quem é Deus no



pensamento de Descartes e que importância o pensador francês dá a este Ser supremo. Na continuidade, apresentam-se as primeiras certezas encontradas por Descartes em seu plano filosófico e com elas, a necessidade de investigar a origem das ideias. Tudo isto antecede as provas e influenciam de forma direta as demonstrações da existência de Deus. Chegando ao interior das *Meditações Metafísicas*, são caracterizadas as duas primeiras provas, ambas *a posteriori*. Na primeira, Deus é entendido como causa eficiente de sua ideia na razão humana: a ideia de Deus foi posta no intelecto do homem pelo próprio Deus, isto se conhece através dos graus de perfeição. Na segunda prova, Deus é demonstrado como causa do próprio intelecto que tem a ideia de Deus, ou seja, a partir do “eu pensante” na posse da ideia de Deus. Este segundo argumento enuncia a evidência da impossibilidade do homem, “eu pensante”, ter criado a si próprio. Descartes busca aqui não a causa da ideia, como na primeira prova, mas a causa do ente que é o próprio homem, posto que há mais realidade na causa do que no efeito. O homem é um ser finito com todas as suas imperfeições e Deus é um ser infinito que contém em si todas as realidades possíveis. Deus criou o homem e colocou nele a ideia de um ser perfeito.

O tema central do terceiro capítulo desta pesquisa é o argumento ontológico de Descartes. De início, discute-se a respeito de Deus e da não possibilidade de erro, questão desenvolvida pelo filósofo antes de apresentar sua terceira prova da existência de Deus. Para ele, todo e qualquer erro não provém de Deus, já que se trata de um Ser sumamente perfeito, dele não pode vir nenhum tipo de falsidade. Segue, então, uma abordagem histórica do argumento ontológico, com Anselmo de Aosta, o primeiro a elaborar formalmente uma prova ontológica da existência divina, e com Tomás de Aquino, cuja filosofia neste sentido apresentou críticas e reconstruções. Por fim, apresenta-se a prova ontológica de Descartes, elaborada na sua *Quinta Meditação* e de caráter *a priori*. Nela Deus é concebido como causa formal de si mesmo. É impossível, afirma o argumento, pensar em Deus sem antes primeiro em sua existência; neste caso, é igualmente impossível separar a existência de Deus de sua essência. Deus existe por si só, desta evidência Descartes extrai a sua terceira prova.

Percebe-se, então, que todo o itinerário temático presente neste trabalho configura um caminho lógico, favorável à melhor compreensão possível do caminho feito por Descartes para alcançar as provas da existência de Deus. A elucidação destes elementos pretende não apenas apresentar as demonstrações da existência de Deus na filosofia cartesiana, como também levar o leitor a uma autêntica reflexão sobre a importância de tais provas para a história da Filosofia, com a inovação de uma via racional para Deus, Ser perfeito que habita a razão humana.



## 2 O MÉTODO DE DESCARTES

Neste capítulo, será desenvolvido, de início, um pouco do contexto histórico da vida de René Descartes, favorecendo uma melhor compreensão de como ele desenvolveu seu sistema filosófico. Um ponto de suma importância é o método utilizado por Descartes, método este que será chave para o entendimento das *Meditações Metafísicas* e como consequência as provas da existência de Deus que são o foco principal desta pesquisa.

### 2.1 Contexto histórico da vida de Descartes

Quando se refere à filosofia moderna é quase impossível não se falar do filósofo francês René Descartes, pois quebrando uma estrutura filosófica que predominava na idade Medieval, ele tenta mostrar uma nova maneira de se fazer filosofia. Este método é essencialmente ontológico e tem como razão última a investigação do homem de Deus e do mundo, mas para isto é necessário colocar em dúvida tudo aquilo que era transmitido, para assim se chegar a um conhecimento verdadeiro, através das temáticas subjacentes à *res cogitans* e à *res extensa*, com isto Descartes faz sua filosofia.

Descartes abre um novo olhar para a filosofia, para o mundo e para o homem. Ele é considerado o pai do racionalismo moderno, pois coloca na razão a autonomia do conhecimento, sob uma visão antropológica que tem a interioridade do homem como elemento preponderante e fundamental neste processo. Para entender como surge este novo conceito de filosofia, oferecido por Descartes neste, tópico será exposto um pouco do contexto histórico da vida deste grande pensador da modernidade.

“René Descartes nasceu no século XVI, em La Haye, na província da Turena França, sendo de família bem estabelecida: seu pai era presidente da Bretanha” (MONDIN, 1981, p. 63). Estudou em um colégio para nobres, dirigido pelos Jesuítas. Mas não ficou por muito tempo, pois segundo ele o conhecimento que ali era transmitido se tornava um estudo alienado, que impedia abrir os olhos para um novo mundo. Isto se deve à grande influência científica da época. Então, logo deixa a escola e resolve aderir ao estudo pessoal. Diz Reale e Antiseri (1990, p. 354): “Em especial, ele percebeu logo a ausência de uma séria metodologia, capaz de instruir, controlar e abandonar as ideias existentes e guiar a busca da verdade”. Após alcançar a maioridade, entra em uma Universidade para prosseguir com seus estudos, como diz Reale e Antiseri (1990, p. 354): “Por isso, depois de ter prosseguido seus estudos na Universidade de Poitiers, onde conseguiu o bacharelado e licenciatura em Direito, mas

encontra-se ainda na maior confusão espiritual e cultural, decidiu dedicar-se à carreira das armas”. Logo entrou na carreira militar, “mais para conhecer do que para combater” (DESCARTES apud MONDIN, 1981, p. 63). Após uma experiência como militar, inicia uma reflexão acerca da finalidade de sua vida.

Sonhou três vezes que sua vocação consistia em reformar a ciência e em procurar a verdade, apoiando-se apenas na razão: “Procurar o verdadeiro método para chegar ao conhecimento de todas as coisas” que a mente humana pode conhecer. Mas continuou na carreira militar até 1624. (MONDIN, 1981, p. 63).

Com uma vasta experiência já adquirida e com os acontecimentos que marcavam a Europa naquela época, na qual protestantes e católicos brigavam entre si para obter a hegemonia do período, Descartes explica os motivos de sua filosofia, que a este respeito, diz Lara (1988, p. 37):

Esse escopo de Descartes explica por que sua filosofia se esmera em provar, racionalmente, a existência de Deus e a existência da alma como princípio nitidamente diverso do corpo. A obra com a qual Descartes começa a revolucionar o pensamento ocidental se chama *Discurso do Método*, publicada em 1637.

Na análise histórica, pelo menos até a Idade Moderna, Deus era concebido em um âmbito de fé, segundo a inspiração da tradição medieval. Deus era entendido como centro de tudo, também graças à enorme influência da Igreja Católica neste período, de certa forma possuidora de um domínio especial sobre o que era transmitido inclusive por meio da filosofia. Trata-se de uma hermenêutica cristã, que encontra em Deus a resposta para a ânsia comum pela felicidade e a plenitude como fonte de salvação. Pensar o contrário, segundo a crítica de alguns historiadores, significava sofrer longos processos, até mesmo judiciais, como os vinculados ao Tribunal eclesiástico da Santa Inquisição.

Contudo, o notável avanço da ciência passou a representar grandes discordâncias em relação ao que a Igreja ensinava secularmente, levantando uma série de questionamentos. A Igreja não só estava sendo frontalmente questionada pela ciência como, em toda a Europa, vários movimentos já tinham o propósito de mudar a história quanto ao domínio eclesiástico. Aconteceu, então, neste ambiente efervescente a Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero. “Lutero busca emancipar a fé das argumentações da teologia natural e recusa as especulações da razão dogmática, mas, ao mesmo tempo, coloca as bases da emancipação da razão com respeito à autoridade religiosa” (ESTRADA, 2003, p. 73).



Descartes, no empenho que dedicou à existência de Deus, não se apresenta a fim de resolver as novas contendas religiosas ou mesmo conciliar um diálogo entre católicos e protestantes, preocupa-se, antes, em refletir suas provas em ambiente totalmente racional. Todavia, é importante ressaltar que o Deus de Descartes não é um Deus pagão, mas um Deus ligado à contemplação de algo em si mesmo belo, na interioridade do homem. Descartes era um dos melhores alunos dos jesuítas e, embora tenha deixado a escola muito cedo, presume-se que levou consigo algo do que os religiosos transmitiam sobre os conteúdos da fé. Mesmo assim, porém, não são os acontecimentos que marcaram sua época motivos capazes de impedir Descartes de dar continuidade a seu plano filosófico racionalista.

Após um caminho filosófico em busca de verdades e de tentar mostrar como verdadeiramente se faz filosofia, Descartes explora um método que serve de fundamento para sua filosofia, uma busca primeira, em que se deve negar tudo e chegar a um pensamento correto. Descartes, ao longo de sua vida, fez várias viagens pela Europa, com o objetivo de conhecer outras culturas e partilhar da experiência já adquirida.

Em 1641, publica as *Meditações*, sua principal obra filosófica. O padre Mersenne, amigo do autor, para difundir as ideias deste, enviou exemplares da obra às maiores personalidades do mundo filosófico e científico do tempo, pedindo apreciações. As objeções dos filósofos e dos teólogos, especialmente de Hobbes, Arnauld e Gassendi, acompanhadas da resposta de Descartes, foram publicadas, em apêndice, com as *Meditações*. (MONDIN, 1981, p. 63, grifo do autor).

Assim, percebe-se o percurso de Descartes para chegar a tal reflexão. Com influências históricas e filosóficas, ele desenvolve as suas *Meditações Metafísicas*, que como consequência provarão a existência de Deus. Descartes, ao longo de sua vida, escreveu várias obras filosóficas que marcaram a história da filosofia, com um caráter objetivo da razão, procurando indicar as regras em que se deve inspirar para alcançar tais objetivos, ou seja, a busca pela verdade.

## 2.2 O método de Descartes

Para entender como Descartes desenvolveu seu sistema filosófico, é necessário compreender seu método. Desde o início do *Discurso do Método*, ele sublinha a importância de se encontrar um modo adequado para se chegar a um conhecimento verdadeiro e que genuinamente guie o espírito da sabedoria para a verdade, mas para isso, segundo Descartes, é preciso que se duvide de tudo aquilo em que se acredita para assim chegar a uma certeza



primeira. Então, procura uma maneira de aplicar as suas regras ao saber tradicional, para perceber se realmente transmite alguma verdade.

Este saber tradicional o qual Descartes menciona em sua filosofia é aquele transmitido desde Aristóteles e Platão, que colocava no homem o princípio da sabedoria, mas nesta filosofia, este saber tomou um novo caminho. Afirma o comentador (REALE; ANTISERI 1990, p. 348): “Descartes, ao contrário, não escreve como mestre, mas como descobridor e explorador ansioso para transmitir o que encontrou”. Descartes tem a intenção de acolher como verdadeiro somente aquilo que lhe é evidente, ou seja, que não se pode negar. Para isto, é necessário conduzir o pensamento à verdade clara e distinta.

Nas primeiras linhas da primeira parte do *Discurso do Método*, ele faz uma introdução sobre como o homem pode chegar a um conhecimento verdadeiro, através do bom senso ou razão, pois é o que faz com que se distinga o verdadeiro do falso. Com esta distinção chega-se à verdade que se busca.

Na segunda parte do *Discurso do Método*, Descartes insiste novamente na grande importância de um método filosófico. Então afirma o pensador: “Entre esses, um dos primeiros foi a consideração de que frequentemente não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pelas mãos de vários mestres, como naqueles em que apenas um trabalhou” (DESCARTES, 1996, p. 15). Nesta perspectiva, deve-se criar um único método, mas que afirme verdadeiramente o conhecimento. Com isto Descartes continua: “Assim, vê-se que os edifícios iniciados e terminado por um único arquiteto costumam ser mais bem ordenados do que aqueles que muitos procuraram reformar, servindo-se de velhas muralhas que haviam sido construídas para outros fins” (DESCARTES, 1996, p. 15). Para Descartes, a imperfeição de muitas ciências deve-se ao método utilizado, muitas vezes métodos que se diferenciam uns dos outros, muitas vezes se aproximando de métodos complicados que não fornecem um conhecimento seguro. Então, Descartes inicia uma análise de como conseguir um método adequado e seguro. A este respeito, afirma Battista Mondin (1981, p. 66):

Sabemos que, em última análise, os métodos possíveis são dois: o indutivo e o dedutivo. O primeiro parte da experiência, o segundo de princípios universais. Na opinião de Descartes, somente o segundo pode levar-nos ao progresso do saber e descoberta da verdade. O motivo é o seguinte: “A experiência das coisas é falaz, ao passo que a dedução, isto é, a simples ilação de uma coisa de outra, pode certamente ser omitida, se não for percebida, mas não pode ser malfeita por um intelecto que tenha alguma capacidade de raciocínio”.



Após apresentar como buscar o seu método, Descartes aponta as regras fundamentais, para assim configurar e assegurar tal pensamento filosófico. Para este método, ele mostra quatro regras para a direção do mesmo. A primeira regra: “Não incluir nos meus juízos nada além daquilo que se apresenta à minha inteligência tão clara e distintamente que exclua qualquer possibilidade de dúvida” (MONDIN, 1981, p. 66). A segunda regra: “Dividir todo o problema que se tem de estudar em tantas partes menores quantas forem possíveis e necessárias para melhor resolvê-los” (MONDIN, 1981, p. 66). A terceira regra: “Conduzir meus pensamentos com ordem, começando pelos objetivos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir aos poucos, como por degraus do conhecimento” (MONDIN, 1981, p. 67). A quarta regra: “Fazer sempre enumeração tão completas e revisões tão gerais que tenha a segurança de não ter omitido nada” (MONDIN, 1981, p. 67). Sobre estas regras, Descartes não dá nenhuma denominação específica.

O método cartesiano apresenta-se como um caminho norteador e deve ser direcionado pelo bom uso da razão, pois Descartes defendia que a racionalidade é natural do homem. Analisando o contexto histórico da época, este método apresentado por Descartes é tido como uma verdadeira revolução que afeta diretamente a vida intelectual, espiritual e científica, pois este método vem libertar o homem, que até então estava aprisionado numa prática da tradição transmitida pelos antigos. Esta prática era utilizada para se obter a verdade, mas Descartes com esta nova forma de fazer filosofia abre novos olhares e quebra alguns paradigmas presentes em sua época.

Com a produção das ideias claras e distintas, apresentadas por Descartes, o saber tradicional sofre um abalo nas *Meditações*, pois a partir de então ele estava certo da possibilidade de alcançar um conhecimento seguro, mas seria preciso rejeitar tudo aquilo que foi transmitido antes. Nas *Meditações Metafísicas*, Descartes irá desenvolver seu método a partir do problema chamado *dúvida hiperbólica*.

### 2.3 O método nas *Meditações Metafísicas*

Descartes desenvolve um novo método filosófico, que de forma racional é explícito. Para entender como Descartes chegou às provas da existência de Deus, é necessário compreender como ele aplicou este método nas suas *Meditações Metafísicas*.

Na sua *primeira meditação*, Descartes inicia a problemática chamada dúvida hiperbólica. Diz Gilberto Kujawski (1969, p. 104): “A dúvida metódica tem por objetivo a totalidade dos nossos juízos, enquanto afirmam algo fora do nosso pensamento. Chama-se



‘metódica’ porque é dúvida que procede segundo as regras do método”. Esta dúvida tem uma finalidade: Negar tudo aquilo que se possa duvidar, e assim chegar a uma certeza primeira, pois esta é um conhecimento seguro e verdadeiro.

É preciso que duvidemos de tudo aquilo em que acreditamos. Só depois desta limpeza, pelo método da dúvida – a dúvida metódica – é que podemos começar a procurar a verdade primeira ou as verdades primeiras, evidentes por si, que estão aí, claríssimas, para nós, das quais não podemos duvidar. Elas serão o alicerce sobre o qual se pode construir todo o edifício do conhecimento. (LARA, 1988, p. 36).

Para traçar um melhor caminho à verdade, no que se refere a um conhecimento seguro, a dúvida se apresenta como via primordial. Descartes submete à dúvida todos os conhecimentos que até então ele tinha como verdadeiros. Diz Mondin (1981, p. 69): “Aplicando a dúvida metódica, Descartes põe de lado como não certos, os conhecimentos obtidos por meio dos sentidos, porque os sentidos, muitas vezes, nos enganam”.

Um ponto importante a ser destacado é que Descartes não levanta, de início, dúvidas particulares, como o homem, o mundo e Deus, mas sim o conhecimento como um todo. Nesta análise, Descartes conclui que não existe conhecimento particular que não se pode colocar em dúvida. “Mesmo quando se trata das coisas mais evidentes, das verdades mais simples, é possível que nos enganemos” (MONDIN, 1981, p. 69).

Este método está explícito no início da *Primeira Meditação*, que destaca a necessidade de buscar um fundamento sólido e durável nas ciências. É preciso compreender que o problema da dúvida surge a partir de uma finalidade: estabelecer uma base metodológica confiável para uma nova ciência. Diz Descartes (1988, p. 17):

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências.

Neste sentido, Descartes inicia o percurso da dúvida, a partir da qual pretende chegar a um pensamento sólido e verdadeiro, dando à razão total domínio no que se refere à veracidade dos argumentos. Diz o comentador:

O Projeto cartesiano de fundamentação da ciência propõe-se eliminar todas as opiniões que sejam passíveis de dúvida, em busca de um núcleo de proposições indubitáveis sobre as quais seja possível construir o edifício de uma ciência não mais passível de ser revista. (SCRIBANO, 2007, p. 29).

Com esta nova forma de se chegar ao conhecimento, percebe-se que de um lado o projeto de Descartes vem como um fundamento sólido para as ciências, e de outro, vem como um novo inimigo das antigas crenças que se eram transmitidas durante a vida, pois este novo método iria abrir a mente humana para uma nova realidade. Então a dúvida da qual Descartes tanto fala tem um grande objetivo: buscar o indubitável, ou seja, aquilo que não se pode colocar em dúvida.

Descartes, para fazer tal reflexão busca uma maior maturidade intelectual, no intuito de mostrar uma maior confiança no seu pensamento. A partir disto, pode duvidar de tudo o que se havia transmitido antes.

Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outras após ela, na qual eu estivesse mais apto para executá-la: o que me fez diferi-la por tão longo tempo que doravante acreditaria cometer uma falta se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta para agir. (DESCARTES, 1988, p. 17).

Mediante isto, solidifica-se o edifício racional, o qual destrói todas as opiniões presentes no espírito e edifica um novo pensamento que tem como objetivo único encontrar a verdade. Para isto, é necessário que o espírito esteja liberto de tudo aquilo do que se sabia antes, para se chegar a tal finalidade. Afirmo Descartes (1988, p. 17): “Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas antigas opiniões”. Para a liberdade de pensamento, é necessário quebrar antigas tradições, contra as quais Descartes se apresenta neste novo sistema filosófico.

No resumo das meditações, Descartes fala que sua intenção na primeira meditação é de início duvidar das coisas materiais. “Na primeira, adianto as razões pelas quais podemos duvidar geralmente de todas as coisas, e particularmente das coisas materiais...” (DESCARTES, 1988, p. 11). Na dúvida das coisas materiais, a maior intenção de Descartes era chegar a um conhecimento seguro para justificar uma ciência mais perfeita, pois as ciências mais perfeitas partem de um conhecimento material, ou seja, objetivo. Para concretizar seus anseios, Descartes volta à dúvida dos sentidos, pois estes são enganosos. “Tudo que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram



enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez” (DESCARTES, 1988, p. 18).

Contudo, no decorrer de sua meditação, ele encara todas as crenças que eram transmitidas pelos sentidos como sendo enganosas, podendo-se colocar em dúvida as coisas que o rodeiam. Mas Descartes, no discorrer da meditação, começa a colocar em questão um “Eu meditador”, este que está meditando e buscando uma nova verdade a partir da rejeição destes velhos conceitos que eram transmitidos pelos sentidos, e um “Eu velho”, este que ainda está preso nos velhos sentidos.

O velho eu, por sua vez, procura refutar as razões de dúvida que ameaçam as suas certezas, e, a cada onda vitoriosa do ataque do eu meditante, tenta entrincheirar-se numa posição mais recuada, mas que identifique ainda um nível de certeza no conhecimento derivado dos sentidos. (SCRIBANO, 2007, p. 33).

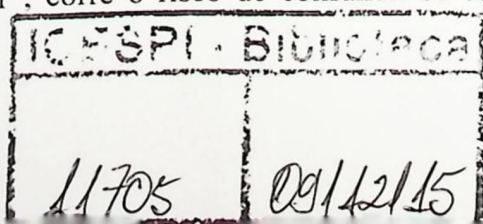
Acontece um confronto racional entre aquilo que se pode acreditar e aquilo que não se pode colocar em dúvida. Descartes logo no decorrer da reflexão traz um exemplo de como os sentidos podem ser enganosos, através da experiência comum dos acontecimentos cotidianos: Assevera o filósofo francês:

Mas, ainda que os sentidos nos enganem às vezes, no que se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? (DESCARTES, 1988, p. 18).

Descartes volta a meditar a possibilidade de por em dúvida estes sentidos. Então o meditador faz uma ligação acerca dos sonhos, pois segundo ele, estes às vezes, apresentam-se com tanta clareza que podem ser até confundidos com a realidade, então através desta realidade que os sentidos transmitem pode ser efetuada a dúvida:

Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro do meu leito? Parece-me agora que não é com os olhos adormecidos que contemplo este papel; que esta cabeça que eu mexo não está dormente; que é com desígnio e propósito deliberado que estendo esta mão e que a sinto: o que acorre no sono não parece ser tão claro nem tão distinto quanto tudo isso. (DESCARTES, 1988, p. 18).

Em certos momentos, os sonhos se apresentam ao pensamento com tanta clareza que o pensante, o “eu meditador”, corre o risco de confundir-se com a realidade, pois o mesmo



apresenta-se como algo real. Mas não passam de evidências, estas evidências se distanciam o máximo da veracidade dos argumentos, pois é algo duvidoso. É uma realidade não objetiva.

Mas com todas as evidências como sendo falsas, Descartes afirma que existem coisas fora da mente que pode ser afirmadas como verdadeiras. Por isto a evidência e o fato dos sonhos é muito importante. “Pois quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados” (DESCARTES, 1988, p. 19). Com esta afirmação, Descartes pretende falar de sua nova ciência; firma-se na geometria, pois a matemática, com suas proposições, garante a impossibilidade de uma contradição racional. A veracidade dela é comprovada a partir daquilo que é apresentado, os números, como também daquilo que se encontra na mente. Portanto, o argumento do sonho serve de suporte para os paradigmas da nova ciência.

Descartes, na *Segunda Meditação*, dá continuidade ao seu método filosófico para assim chegar a uma primeira verdade: “continuarei sempre neste caminho até que tenha encontrado algo certo” (DESCARTES, 1988, p. 23). Esta certeza virá a partir de uma busca primeira, aquilo que verdadeiramente não se pode negar. Diz o filósofo: “Assim terei o direito de conceber altas esperanças, se for bastante feliz para encontrar somente uma coisa que seja certa e indubitável” (DESCARTES, 1988, p. 23). Então Descartes, com a negação de tudo que poderia ser derivado dos sentidos, ou até mesmo daquilo que não venha a ser verdadeiro, mas que se era transmitido como uma preposição ou um argumento válido, julga quanto à origem da própria razão. Pois com a negação dos sentidos, Descartes percebeu que ele mesmo poderia existir com a ausência destes. Mediante isto, ele chega a uma primeira verdade: que é uma coisa existente. Segundo Descartes (1988, p. 24):

De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a anuncio ou que a concebo em meu espírito.

Após descobrir que é uma coisa existente, Descartes apresenta os motivos pelos quais fez com que ele chegasse a tal certeza. Ao longo das meditações que ele fez, muitos atributos foram postos em dúvida, a partir de sua origem, para assim chegar a um fim que não pudesse ser posto de forma alguma em dúvida. Descartes afirma de si mesmo que é uma coisa pensante.



[...] verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim. *Eu sou, eu existo*: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo em que eu penso; pois poderia talvez, ocorrer que, se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de existir. (DESCARTES, 1988, p. 26, grifo do autor).

Eliminadas todas as outras faculdades humanas, tais como o corpo e a alma, uma só não pode ser excluída no percurso do método de Descartes: o pensamento. É esta realidade que garante a sua existência. Aqui está a primeira verdade da cadeia das razões apresentadas por Descartes.

Com o pensamento, segundo Descartes, o homem pode afirmar sua existência “se penso, logo existo”. Mas vale resaltar que, para ele, o pensamento é algo que existe por si, independentemente da realidade corpórea, pois primeiro “eu penso”, a partir desta afirmação, “logo eu existo”. O método cartesiano transformará a vida intelectual da época. Para Descartes chegar a uma primeira verdade, que foi a de afirmar ser uma coisa pensante, teve que eliminar todos os membros que compõem o corpo humano, pernas, braços, e praticamente todo o corpo, para assim chegar à afirmação de que, apesar das partes físicas presentes no corpo, a faculdade de pensar existe fora dele. Surge daí a necessidade de uma explicação sobre como se dá a união do corpo com a alma, se para Descartes a alma é constituída pela coisa pensante e o corpo pela extensão do pensamento. A união dos dois, tenta responder o filósofo, se dá por uma glândula. Mondin (1981, p. 71) declara: “Para Descartes a alma e o corpo estão unidos, mas apenas num ponto: na glândula pineal”.

Com este novo método, Descartes dá continuidade ao seu plano filosófico, que nas *Meditações* está bem explícito. Agora, após justificar o princípio de coisa pensante, que garante naturalmente a existência, o próximo capítulo desenvolverá o tema do julgamento da origem das ideias. Fundamentados na reflexão de Descartes acerca da origem das ideias se formular-se-ão as duas primeiras provas da existência de Deus, estas provas foram apresentadas por Descartes a partir da *Terceira Meditação*, que tem como título: “De Deus; que Ele Existe”.

### 3 A IDEIA INATA DE DEUS E OS GRAUS DE PERFEIÇÃO

No capítulo anterior, foi possível perceber como Descartes desenvolveu seu método filosófico; agora, como consequência deste, será provada a existência de Deus. Neste capítulo, serão apresentados os dois primeiros argumentos que provam que Deus existe, presentes na *Segunda Meditação*. Tais provas virão mediante a busca da verdade sob a perspectiva cartesiana. Perceber-se-á, com isto, como Descartes chegou a estas duas primeiras provas demonstrativas da existência de um ser perfeito, notando ainda que ambas se deram *a posteriori*. É importante resaltar que estas provas surgiram a partir da necessidade de investigar a origem do conhecimento, ou seja, da necessidade de recorrer a um ser supremo para assim chegar a uma certeza primeira.

#### 3.1 A necessidade de recorrer a um ser supremo

A temática acerca da existência de um ser supremo sempre ocupou boa parte do pensamento filosófico desde a antiguidade. Na antiguidade, a existência de um ser supremo era pensada sob o aspecto cosmológico, isto é, colocando no cosmo a origem de todas as coisas, embora sempre recorrendo a um ser maior. O ser divino ou ser supremo era concebido de várias maneiras. Nesta reflexão, pode-se recordar o pensamento de Parmênides sobre o ser imutável; o de Heráclito sobre a ordem do mundo; o de Platão, com a ideia de perfeito; e Aristóteles, falando do motor imóvel. Construiu-se assim um pensamento voltado a um ser de que todas as coisas necessitassem para existir; um ser não criado, originador de todas as coisas.

No período medieval, devido a grande influência do cristianismo, o qual compreendia Deus como centro de todo e qualquer pensamento, muitos pensadores se atiram à ideia de Deus, dentre eles se pode mencionar Santo Agostinho e Tomás de Aquino. E assim criou-se a necessidade de refletir acerca da existência de Deus. Na modernidade, diante do mesmo problema, emerge a filosofia cartesiana, que opera uma mudança de paradigmas. Acontece, então, uma virada antropocêntrica. Esta nova reflexão fundou-se num sistema filosófico que o próprio Descartes apresentou e que, no capítulo anterior, foi possível observar.

Para entender como Descartes chegou às provas da existência de Deus, e como ele recorreu a um ser supremo, é necessário primeiramente entender quem é Deus no seu sistema filosófico. No pensamento de Descartes, Deus tem um papel muito importante, pois a



existência dele leva a que o filósofo comprove seu método e mostre como é possível chegar de forma racional às provas da existência de Deus. De acordo com o *Dicionário Descartes*:

Deus desempenha um papel central no sistema filosófico de Descartes. Na validação cartesiana do conhecimento, a existência de um criador perfeito tem que ser demonstrada para que o meditador passe do conhecimento subjetivo isolado de sua própria existência ao conhecimento de outras coisas; o movimento que parte do eu (Segunda Meditação) para o mundo externo (Sexta Meditação) não poderia realizar-se sem a argumentação das meditações intermediárias, que são, em grande parte, tomadas por uma investigação sobre a existência e a natureza de Deus. (COTTINGHAM, 1995, p. 49).

Descartes, ao construir seu edifício filosófico, tendo a dúvida como ponto de partida, ou seja, a “negação” das coisas existentes, percebe a necessidade da ideia de um Ser mais perfeito que o homem, ou ainda, um ser sumamente perfeito. Mas tal ideia necessita de uma causa, posto que ela não poderia vir simplesmente do nada. Esta ideia foi aplicada à razão por alguém, a sua origem é o próprio Deus. Justin Skirry (2010, p. 91), na obra *Compreender Descartes*, afirma: “A existência de Deus é particularmente importante ao projeto filosófico geral de Descartes porque é uma das duas teses metafísicas que lhe fornecem o fundamento absolutamente certo para o conhecimento, o que sustenta o resto de sua árvore filosófica”.

A ideia de Deus desempenha um papel importante na filosofia cartesiana, pois a partir da existência do mesmo ocorre a validação do sistema estabelecido por Descartes. Com isso, pode-se perceber que a força do método permitiu uma busca por verdades que se consolidam na existência de Deus. Toda esta problemática acerca da questão de Deus mostra a sua grande importância para a filosofia, suscitando uma nova forma de encontrar Deus, através da própria razão. No intuito de validar seu sistema filosófico, Descartes reafirma a necessidade de saber de onde provêm todas as coisas.

É a partir da grande importância que o tema de Deus assume na filosofia de Descartes, que ele mesmo reafirma a busca de um conhecimento ainda mais seguro, não partindo de algo externo, mas da própria razão. Com ela, a razão, é possível chegar a um princípio verdadeiro e capaz de guiar verdadeiramente o pensamento para a verdade.

### 3.2 A busca da primeira certeza através da origem das ideias

Dando continuidade às suas *Meditações*, assegurado por um método que afirma o conhecimento, Descartes passa, então, a formular sua *Terceira Meditação*, que traz como título: *De Deus; que Ele Existe*. O filósofo inicia com uma recapitulação do que se mostrou



nas meditações anteriores, nas quais se funda um conhecimento seguro através da dúvida. Esta meditação destaca a necessidade de saber a origem da ideia primeira. Para atingir tal ideia, é necessário percorrer o caminho da razão, a fim de que não se precipite em um conhecimento duvidoso. Descartes faz a seguinte experiência:

Fecharei os olhos, tamparei meus ouvidos, desviarei-me de todos os meus sentidos, apagarei mesmo de meu pensamento todas as imagens de coisas corporais, ou, ao menos, uma vez que mal se pode fazê-lo, reputá-las-ei como vãs e como falsas; e assim, entretendo-me apenas comigo mesmo e considerando meu interior, empreenderei tornar-me pouco a pouco mais conhecido e mais familiar a mim mesmo. (DESCARTES, 1988, p. 31).

Descartes assegura ser uma coisa pensante, que duvida e questiona. Todas estas faculdades, afirma Descartes, não estão fora dele, mas dentro do intelecto, ou seja, estão no conhecimento. Estas faculdades estão presentes dentro da própria pessoa através da razão, diz Descartes (1988, p. 31), “pois, assim como notei acima, conquanto as coisas que sinto e imagino não sejam talvez absolutamente nada fora de mim”.

Para Descartes são verdadeiras as coisas concebidas de modo claro e distinto, sem nenhuma possibilidade de erro. Por isso, no decorrer da meditação, Descartes distingue três formas de pensamentos. À primeira, Descartes dá o nome de ideia; sobre ela, afirma: “Entre meus pensamentos, alguns são como as imagens das coisas, e só àqueles convém propriamente o nome de ideia: como no momento que eu represento um homem ou uma quimera, ou o céu, ou um ano, ou mesmo Deus” (DESCARTES, 1988, p. 33). Estas são imagens das coisas, elas podem tanto estar relacionadas à alguma coisa quanto ser fruto da imaginação, mas estão presentes no intelecto. A segunda forma é a vontade ou afeição; referindo-se a ela, constata o filósofo: “[...] no momento em que eu quero, que eu temo, [...] então concebo efetivamente uma coisa como o sujeito da ação de meu espírito” (DESCARTES, 1988, p. 33). Estas estão ligadas diretamente ao querer que move o espírito. Por fim, a última forma de pensamento é a dos juízos, correspondentes à circunstância em “que eu afirmo ou que nego” (DESCARTES, 1988, p. 33). É importante salientar ainda qual valor Descartes dá ao conceito de ideia.

Descartes entende por ideias primeiramente todos os conteúdos objetivos da consciência (do conhecimento, da representação etc.) e chega – excluindo as representações empíricas e pensadas arbitrariamente – ao conhecimento de que somente as “ideias inatas” (*ideae innatae*) são tão claras e distintas que correspondem ao critério da verdade e certeza. (CORETH, 2009, p. 201).



Tendo feito a distinção dos tipos de ideia, trilhando um caminho para examinar o seu valor objetivo e qualificando cada uma no que se refere à sua desenvoltura no pensamento, resta então analisar a origem das ideias, o modo como chegaram ao intelecto humano.

Ora, destas ideias, umas me parecem ter nascido comigo, outras ser estranhas e vir de fora, e as outras ser feitas e inventadas por mim mesmo. Pois, que eu tenho a faculdade de conceber o que é aquilo que geralmente se chama uma coisa ou uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não o obtenho em outra parte senão em minha própria natureza; mas se ouço agora algum ruído, se vejo o sol, se sinto calor, até o presente julguei que estes sentimentos procediam de alguma coisa que existe fora de mim. (DESCARTES, 1988, p. 34).

As ideias podem ter nascido com ele, vir de fora ou ser inventadas. Com relação às que vêm de fora, existem duas razões que obrigam a julgá-las análogas aos objetos: o fato de serem ensinadas pela natureza e de independerem de sua vontade, imprimindo sua semelhança através dos órgãos do sentido ou por qualquer outro meio. Percebe-se, porém, a persistente necessidade de investigar a proveniência das ideias presentes no espírito pensante do sujeito. Comenta Emerich Coreth (2009, p. 202): “As ‘ideias inatas’ só podem originar-se de Deus, do criador do espírito humano. Por isso, o fundamento último da verdade e certeza do conhecimento só pode se encontrar em Deus”.

Estas foram as conclusões de Descartes a partir da análise do que se entende por ideia. Por outro lado, o que foi apresentado gerou uma expectativa reflexiva cada vez maior quanto a origem das ideias, o que servirá de fundamento para o desenvolvimento das duas primeiras provas que tratam da existência de Deus. Garante-se, portanto, absoluta segurança no caminho de um conhecimento verdadeiro.

### 3.3 A primeira prova da existência de Deus pelos efeitos (*a posteriori*)

As provas da existência de Deus garantirão a veracidade do sistema cartesiano. A reflexão sobre a existência de um ser perfeito torna possível abstrair-se dos sentidos, numa superando da visão dos sentidos que se apresenta comumente.

Ao longo desta pesquisa, percebeu-se uma primeira certeza: a de que o homem é um ser pensante. Esta foi a primeira conclusão de Descartes na elaboração do seu método filosófico, cujo maior objetivo é a busca de uma conhecimento seguro e verdadeiro. Então, ele passa a refletir a possibilidade de existir um ser mais perfeito. No tópico anterior, foi possível tomar com proximidade esta ideia de perfeito. Descartes discute consigo mesmo: De onde



vem esta ideia? Será que ela vem de dentro de mim mesmo? Como um ser imperfeito criará um ser perfeito?

As provas da existência de Deus surgirão da teoria cartesiana das ideias, pois, para ele, ideia é a concepção imediata de algo presente no intelecto, embora seja necessário fazer a distinção entre tais ideias. Diz Scribano (2007, p. 86, grifo do autor): “A primeira prova *a posteriori* parte da análise da ideia em sentido próprio. A ideia de um cavalo e a ideia de um homem não se difere enquanto são ambas atos do pensamento, mas se diferem pelo fato de uma representar, precisamente, um homem, e a outra um cavalo”.

O conteúdo que a ideia representa deve ser mostrado através do grau de perfeição ou realidade objetiva que ela traz consigo. Se ela intrinsecamente não precisou de outro ente para existir, ou seja, tem supremo grau de autonomia no que se refere à sua existência ou à necessidade de outra substância ainda mais infinita que gere sua existência, então é uma ideia perfeita. Mas será possível um ser imperfeito criar uma substância perfeita? Esta foi uma das interrogações de Descartes para discutir a origem da ideia de perfeição existente dentro da razão. Esta explicitação foi desenvolvida na sua *Terceira Meditação* e servirá de fundamento para a reflexão presente neste tópico.

Na *Terceira Meditação*, auge das duas primeiras provas, Descartes busca estas certezas, de modo a desenvolver uma reflexão que será fundamental no seu sistema filosófico. As duas provas presentes na terceira meditação dizem respeito à ideia de Deus presente no sujeito e no eu pensante de forma inata; ideia posta por um ser sumamente perfeito, causa da existência tanto do homem como das demais coisas.

Ainda na sua meditação, Descartes busca uma solução para o tema da ideia de perfeição, daí surge a primeira prova da existência de Deus. Diz Descartes (1988, p. 39): “Portanto, resta tão somente a ideia de Deus, na qual é preciso considerar se há algo que não possa ter provindo de mim mesmo?” Com esta interrogação, ele percebe que somente a ideia de Deus não é prerrogativa dele mesmo, como sujeito, mas de uma substância imutável e infinita, da qual provêm todas as coisas. Desse modo, sobre a ideia que ele concebe de Deus, escreve: “Pelo nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas” (DESCARTES, 1988, p. 39).

A cada novo passo empregado em descobrir a origem desta ideia, o filósofo fica mais convencido da existência de um Ser perfeito. Por isso afirma:



Ora, essas vantagens são tão grandes e tão eminentes que, quanto mais atentamente as considero, menos me persuado de que essa ideia possa tirar sua origem de mim tão somente. E, por conseguinte, é preciso necessariamente concluir, de tudo o que foi dito antes, que Deus existe; pois, ainda que a ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de ser eu uma substância, eu não teria, todavia, a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita. (DESCARTES, 1988, p. 40).

Afirmando, por um lado, que Deus existe, Descartes desenvolve, por outro, os argumentos que reafirmam sua meditação. Passa, então, a analisar as ideias de finito e infinito presentes na razão. Isto dá vigor ainda maior a seu argumento, caracterizado como a primeira prova da existência de Deus. Para garantir a sua veracidade, é necessário refletir o princípio de causalidade, pois este é fundamental para o desenrolar da questão. Scribano esclarece (2007, p. 86):

O princípio de causalidade é apresentado por Descartes como um princípio fundamental, tanto que o princípio “do nada não vem nada” é decorrente dele. Um ente pode ser produzido por uma causa que tem a mesma realidade que seu efeito (causa formal) ou que tem mais realidade que seu efeito (causa eminente), mas o que tem menos realidade não pode produzir o que tem mais realidade.

Tudo que há no intelecto provém de uma realidade, esta deve ser a sua causa verdadeira. De acordo com Descartes (1988, p. 40),

[...] não devo imaginar que não concebo o infinito por uma verdadeira ideia, mas somente pela negação do que é finito, do mesmo modo que compreendo o repouso e as trevas pela negação do movimento e da luz: pois, ao contrário, vejo manifestamente que há mais realidade na substância infinita do que na substância finita e, portanto, que, de alguma maneira, tenho em mim a noção do infinito anteriormente à de finito, isto é, de Deus antes que de mim mesmo.

Descartes analisa também os graus de perfeição implicados pela ideia de Deus. É impossível ao próprio “eu”, com toda sua imperfeição, causar algo tão perfeito na razão como a ideia de um ser soberano e perfeito. A ideia de um ser soberanamente perfeito e infinito é inteiramente verdadeira. “Deve-se admitir a existência deste Deus, à natureza humana com toda sua limitação e finitude seria impossível criar ou até mesmo negar tal realidade que se apresenta tão clara e objetiva” (DESCARTES, 1988, p. 40).

Descartes orienta a reflexão para uma análise dos graus de perfeição, característica forte desta prova por ele desenvolvida. Retomando a concepção platônica de perfeição das ideias, pela qual admite-se uma ideia mais perfeita que outra, Descartes volta ainda à reflexão tomista, com os graus de perfeição do ser. Conforme São Tomás de Aquino, é impossível um ser imperfeito contemplar por completo todo o ser perfeito; acontecendo o contrário, o ser que



antes era considerado perfeito não pode mais valer-se da perfeição, posto que já é conhecido, ou plenamente contemplado, por um ser que não contém em si a perfeição. Afirma Jesus (1997, p. 60): “A ideia do infinito não pode ser pela negação do finito, há mais realidade na substância infinita que numa substância finita”. Então, a ideia de Deus apresenta-se como uma ideia de infinito, reflete Descartes (1988, p. 40), “pois é da natureza do infinito que minha natureza, que é finita e limitada, não possa compreendê-lo. E pode-se afirmar que ela apresenta-se primeiro na escala de perfeição”. Deus é o ser primeiro, ele apresenta mais realidade do que todos os outros. Isto confirma que a ideia de Deus não está sujeita à falsidade, graças à forma como ela se apresenta, de maneira clara e distinta.

Basta que eu conceba bem isto, e que julgue que todas as coisas que concebo claramente, e nas quais sei que há alguma perfeição, e talvez também uma infinidade de outras que ignoro, estão em Deus formal ou eminentemente, para que a ideia que dele tenho seja a mais verdadeira, a mais clara e a mais distinta dentre todas as que se acham em meu espírito. (DESCARTES, 1988, p. 40).

Descartes atribui todas estes predicados à ideia de Deus, justificando e qualificando ainda mais o seu argumento. Ele, em sua reflexão, dá a entender ainda a possibilidade de o “eu” ou “ser pensante” aperfeiçoar a ideia que tem de Deus: “Com efeito, já percebo que meu conhecimento aumenta e se aperfeiçoa pouco a pouco” (DESCARTES, 1988, p. 41). Mas ao tempo que ele admite este crescimento, rejeita a possibilidade de contemplar a ideia de Deus por total, porque o homem ainda é um ser em potência. Afirma: “Todavia essas vantagens não pertencem e não se aproximam de maneira alguma da ideia que tenho da Divindade, na qual nada se encontra em potência” (DESCARTES, 1988, p. 41). Deus é um ser sumamente perfeito, livre de toda imperfeição, no qual nada está em potência, mas tudo em ato puro.

Percebe-se o caminho trilhado por Descartes para a elaboração da primeira prova da existência de Deus, apresentada neste tópico. Foi possível compreender como Descartes buscou qualificar e até mesmo atribuir conceitos que qualificassem tal ideia. Ele provou que Deus existe através dos graus de perfeição. Deus existe, afirma Descartes, basta agora atribuir a este ser toda perfeição que pertence a ele mesmo. Após a demonstração da sua primeira prova nas *Meditações Metafísicas*, dirige-se para uma segunda, também apresentada na terceira meditação. Esta, por sua vez, partindo da causalidade infinita de Deus. Os argumentos que se referem a esta prova tratar-se-ão no tópico seguinte.



### 3.4 A segunda prova da existência de Deus (*a posteriori*)

Passa-se agora à segunda prova da existência de Deus, esta, como a primeira, demonstrada *a posteriori*. Esta prova é caracterizada pelo “eu pensante” na posse da ideia de Deus, ou seja, não se busca aqui a causa do infinito, como na primeira demonstração, mas sim a causa do finito. Este finito é o ser racional, o próprio homem.

Na continuidade da *Terceira Meditação*, Descartes percebe a necessidade de uma outra prova que justifique ainda mais a existência do um ser infinito, de maneira a comprovar a sua própria existência como ser pensante. Conforme Descartes (1988, p. 41): “Eis por que desejo passar adiante e considerar se eu mesmo, que tenho essa ideia de Deus, poderia existir, no caso de não haver Deus”. De onde tiraria a própria existência no caso de não haver Deus algum? De si mesmo? Dos pais? Ou então de outra coisa menos perfeita do que Deus? Estas indagações fizeram com que Descartes se aprofundasse ainda mais na reflexão a caminho de um argumento seguro.

Através desta prova, Descartes não se fixa mais na causa da ideia em si que se tem de Deus, mas na de um ente que possui esta ideia de Deus. De acordo com a dinâmica da sua meditação, este ente é o próprio “eu pensante”. É necessário, porém, perceber de onde surge a existência do ente ou eu pensante. O filósofo francês atesta: “[...] se eu fosse independente de todo outro ser, e fosse eu próprio o autor de meu ser, certamente não duvidaria de coisa alguma, não mais conceberia desejos e, enfim, não me faltaria perfeição alguma; [...] assim seria Deus” (DESCARTES, 1988, p. 41).

Nesta perspectiva, Descartes parte da argumentação de que o “eu” foi criador de sua própria existência, hipótese logo rejeitada por ele mesmo. Esta é desconsiderada quando ele parte do pressuposto de que, como um ser imperfeito, possa criar um ser perfeito. Neste caso, Descartes não quer somente buscar a causa do “eu”, mas a causa do “eu” na posse da ideia de Deus. Não se trata mais de buscar a causa ou até mesmo a ideia de infinito, e sim a causa do finito. Este finito, sobretudo, com a ideia de infinito, ou seja, com a ideia de Deus; posto que deve haver logicamente tanta realidade na causa quanto no efeito.

E portanto, já que sou uma coisa pensante, e tenho em mim alguma ideia de Deus, qualquer que seja, enfim, a causa que se atribua à minha natureza, cumpre necessariamente confessar que ela deve ser de igual modo uma coisa pensante e possuir em si a ideia de todas as perfeições que atribuo à natureza divina. (DESCARTES, 1988, p. 43).



Contudo, a ideia de um ser infinitamente perfeito não pode ser de autoria de um homem, pois este não está no grau de perfeição em que se encontra Deus. Logo, a ideia de Deus não é aplicada à razão pelo homem, mas, sendo Deus o autor e criador do sujeito, é dele originalmente a ideia de si mesmo. Reafirmando este argumento, a fim de perceber a causa própria da existência deste ser, afirma o filósofo francês:

Pois se ela a tem de si própria, segue-se, pelas razões que anteriormente aleguei, que deve ser, ela mesma, Deus; porquanto, tendo a virtude de ser e de existir por si, ela deve também, sem dúvida, ter o poder de possuir atualmente todas as perfeições cujas ideias concebe, isto é, todas aquelas que eu concebo como existentes em Deus. (DESCARTES, 1988, p. 43).

Então, todas estas perfeições que existem na mente foram colocadas pelo próprio Deus, isto se comprova através da sua perfeição. Neste caso, Descartes defende que Deus tira a sua existência de si mesmo. O pensador atribui a Deus muitas outras perfeições, tão evidentes pela sua própria grandeza. “[...] a unidade, a simplicidade ou a inseparabilidade de todas as coisas que existem em Deus é uma das principais perfeições que concebo existentes nele” (DESCARTES, 1988, p. 43). Fixando o argumento, continua: “[...] mas é preciso concluir necessariamente que, pelo simples fato que eu existo e de que a ideia de um ser soberanamente perfeito, isto é, Deus, é em mim, a existência de Deus está mui evidente demonstrada” (DESCARTES, 1988, p. 44).

Todavia, é necessário ainda saber de onde provém esta ideia. De início, descarta-se a possibilidade de ter vindo dos sentidos, afinal, eles podem ser enganosos. Como também não pode ser uma produção do espírito, pois, para Descartes, não está sob seu poder diminuir ou acrescentar algo. Então, de onde provém esta ideia? A esta indagação responde o pensador francês: “E, por conseguinte, não resta outra coisa a dizer senão que, como a ideia de mim mesmo, ela nasceu e foi produzida comigo desde o momento em que fui criado” (DESCARTES, 1988, p. 44). Ainda sobre a temática, Descartes (1988, p. 44) explica:

E certamente não se deve achar estranho que Deus, ao me criar, haja posto em mim esta ideia para ser como que a marca do operário impressa em sua obra; e não é tampouco necessário que essa marca seja algo diferente da própria obra. Mas pelo simples fato de Deus me ter criado, é bastante crível que ele, de algum modo, me tenha produzido à sua imagem e semelhança e que eu concebo essa semelhança (na qual a ideia de Deus se acha contida) por meio da mesma faculdade pela qual me concebo a mim próprio.

Aqui Descartes já se dirige para o final de sua meditação. Enfatizando as conquistas reflexivas de sua obra, conclui reafirmando seu argumento a favor da existência de Deus, reconhecendo ser uma coisa imperfeita e que tem uma ideia de perfeito colocada nele pelo



próprio Deus, um ser soberano do qual derivam todas as coisas existentes. “[...] mas também conheço, ao mesmo tempo, que aquele de quem dependo possui em si todas essas grandes coisas a que aspiro e cujas ideias encontram em mim [...]” (DESCARTES, 1988, p. 44). Descartes se reconhece como imperfeito, ao tempo que atribui a Deus a ordem e criação de todas as coisas. Então está verdadeiramente fundamentada a origem das ideias, comprovando-se que as mesmas vêm do próprio Deus. Com isso, o filósofo francês finaliza sua prova, com as seguintes palavras:

E toda a força do argumento de que aqui me servi para provar a existência de Deus consiste em que reconheço que seria impossível que minha natureza fosse tal como é, ou seja, que eu tivesse em mim a ideia de um Deus, se Deus não existisse verdadeiramente; esse mesmo Deus, digo eu, do qual existe uma ideia em mim, isto é, que possui todas essas altas perfeições de que nosso espírito pode possuir [...]. (DESCARTES, 1988, p. 44).

Nesta passagem, Descartes chega à conclusão da segunda prova da existência de Deus, demonstrando que através de sua perfeição surgem todas as coisas do mundo. Agora Descartes se encaminha para a última prova da existência de Deus, a que será explicitada no próximo capítulo desta pesquisa. A prova é conhecida como o argumento ontológico de Descartes, refletido na sua quinta meditação e que leva o título: *Da Essência das coisas materiais; e, novamente, de Deus, que ele existe*.

A reflexão de Descartes acerca do erro faz lembrar um clássico problema teológico: de onde provém o pecado? Se Deus é tão bom, porque deixa que seus filhos pequem? Descartes, em circunstância análoga a este problema, propõe, em síntese, a seguinte pergunta: se Deus é verdadeiro, de onde provém o erro? Para o filósofo, o erro pode ter muitas causas. Alquié (1969, p. 100), no mesmo debate, esclarece: “Tal como o mal e o pecado, o erro aparece como um nada. Portanto, não pode ter a sua causa em Deus”.

Se o erro não tem sua causa em Deus, a encontra no próprio homem. No caso do pecado, o homem dispõe em si do livre-arbítrio, que lhe permite fazer o bem ou o mal, enquanto permanece ligado à sua consciência. O mesmo acontece quanto às escolhas no que se refere à preferência de um dado conhecimento, ou seja, o ser pensante deve exigir de si clareza no exercício racional. Descartes já despertara a necessidade de conceber ideias maximamente claras e distintas, pois só com elas o homem terá a capacidade de afirmar um conhecimento verdadeiro, sem qualquer possibilidade de erro. Por isso, Kujawski (1969, p. 130) afirma: “[...] o erro provém de eu usar mal o livre arbítrio, de não saber querer em conformidade com o alcance de meu entendimento”. A razão humana tem a capacidade de distinguir o bom do ruim, basta que seja usada diligentemente.

Caso aconteça o erro, este não provém de Deus, mas do próprio homem como ser imperfeito e limitado. Descartes quer mostrar em Deus a negação de todo erro, no intuito de demonstrar ainda mais a possibilidade do conhecimento verdadeiro, que brota de Deus como de um ser racional portador de conhecimento seguro. Ressalta o filósofo francês:

E, embora, desde que me propus a tarefa de duvidar de todas as coisas, eu tenho conhecido com certeza apenas minha existência e a de Deus, todavia também, já que reconheci o infinito poder de Deus, não poderia negar que ele não tenha produzido muitas outras coisas. (DESCARTES, 1988, p. 49).

Descartes encontra em Deus um significado ainda maior para sua teoria. No “eu” existente nasce a certeza de algo maior que faz com que este “eu” exista. Deus, ser perfeito, é a razão que evidencia esta certeza. Com efeito, para Descartes, todo erro humano não provém deste ser perfeito, mas do próprio homem como ser capaz de escolhas, surgindo daí o erro. Descartes admite, então, duas possibilidades de erro. A primeira refere-se ao “poder de conhecer que existe em mim” (DESCARTES, 1988, p. 48). Tal poder é o bom uso da razão presente no intelecto, ou seja, o reconhecimento de ser um algo pensante, que duvida e, ao mesmo tempo, conserva a faculdade de reconhecer. A segunda possibilidade de erro, que ganha maior destaque neste raciocínio, é a “do livre arbítrio; isto é, de meu entendimento e



conjuntamente de minha vontade”, conforme Descartes (1988, p. 49). Esta possibilidade, confirma o pensador francês, é a que pode levar o homem com mais frequência ao erro, dado que o homem ou ser racional está continuamente submetido a tomar um rumo que esta sob o critério de sua decisão. O fruto desta escolha pode ser o erro, entendido também no campo dos valores ou faculdades psicológicas. A propósito, Scribano (2007, p. 109) conclui:

As argumentações com as quais Descartes pretende justificar Deus da acusação de ser responsável pelo erro humano pautam-se nesse modelo. O erro provém, de um lado, da finitude do homem, e de outro, do mau uso do seu livre-arbítrio. Além disso, Deus permite que o homem erre porque o erro contribui para a perfeição de sua obra.

Com esta reflexão, deseja-se levar o leitor a reafirmar que tudo que se concebe com muita clareza e distinção são coisas verdadeiras. Deus é um ser sumamente perfeito. Tomando em conta que Deus está privado do erro, na próxima meditação demonstrar-se-á a terceira prova da existência de Deus através do chamado argumento ontológico.

#### 4.2 O argumento ontológico em Santo Anselmo e em Santo Tomás de Aquino

O tradicional argumento ontológico é entendido como um importante suporte para a questão pertinente à demonstração da existência de Deus. Ele tem uma longa história dentro da filosofia: desde a Idade Média, muitos pensadores contribuíram formalmente com a sua definição. A prova ontológica pretende assegurar a existência de Deus não partindo de algo deste mundo, mas da própria essência divina, ou seja, prova que Deus existe a partir dele próprio. Então, o argumento ontológico parte do próprio ser para chegar à sua existência. Mondin (1997) faz a distinção de dois tipos de argumentos ontológicos, construídos ao longo da história da filosofia. Distingue ele: “o tipo anselmiano (normalmente identificado com o nome de prova ontológica), que parte da essência de Deus; e o tipo tomista, baseado no ser, e que, partindo do ser dos entes, chega ao ser subsistente, Deus” (MONDIN, 1988, p. 212). A diferença entre eles compreende-se ainda considerando o caráter *apriorístico* do primeiro e que o segundo é uma prova *a posteriori*. Em ambos, porém, apesar da diferença entre os fundamentos do argumento, os filósofos buscam chegar à existência de Deus através da reflexão filosófica. Descartes prossegue este intento na filosofia moderna, conforme apresenta este trabalho.

O clássico argumento ontológico surge através da filosofia de Anselmo d'Aosta, no período da Idade Média. Anselmo refletiu sobre a existência de Deus em duas obras



principais. Na primeira, o *Monologium*, recorre às argumentações consideradas tradicionais. Estas eram baseadas na “contingência” e nos “graus de perfeição”. Depois, seguindo sua reflexão, desenvolve sua segunda obra, o *Proslogium*, ainda neste tipo de argumentação. Eis uma passagem na qual se destaca o argumento:

Com efeito, pode-se pensar na existência de um ser que não admite ser pensado como não existente. Ora, aquilo que não pode ser pensado como não existente, sem dúvida, é maior que aquilo que pode ser pensado como não existente. Por isso, “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, se admitisse ser pensado como não existente, ele mesmo, que é “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, não seria “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, o que é lógico. Existe, portanto verdadeiramente “o ser do qual não é possível pensar nada maior”; e existe de tal forma, que nem sequer é admitido pensá-lo como não existente. E esse ser, ó Senhor, nosso Deus, és tu. (ANSELMO, 1984, p. 103).

Este tipo de argumento foi acolhido pela filosofia e, ao longo da história, foi ainda mais refletido. Sua discussão permeou especialmente a Idade Média e a modernidade. Na era moderna, dentre muitos, tem destaque o próprio Descartes com o tema da perfeição do ser supremo. Segundo Mondin (1997, p. 213): “em todos os casos é o mesmo: parte-se da ideia de Deus (definido como o máximo, o infinito, o perfeito, o possível incondicionado, o ser etc.) para evidenciar sua realidade objetiva, efetiva, subsistente”. Então, para entender melhor como Anselmo constrói seu argumento, esclarece o comentador: “A originalidade do argumento de santo Anselmo consiste no fato de que a existência de Deus não é reconhecida por meio de uma trajetória de pensamento que passa pelo mundo; antes, deriva do simples conhecimento da essência divina” (MONDIN, 1997, p. 213). Anselmo, em seu argumento, parte da ideia de que o ser que existe de fato é mais perfeito do que aquilo que existe apenas no pensamento, logo, *Deus é o ser do qual não se pode pensar nada maior*. Esta é a famosa afirmação de Anselmo na construção de seu argumento.

Santo Tomás de Aquino, por sua vez, também desenvolveu um argumento ontológico em favor da existência de Deus. O filósofo medieval constrói sua reflexão com conceitos diferentes dos de Anselmo. Pode-se aqui seguir uma distinção: Santo Tomás, ao contrário de Anselmo, não procede *a priori*, mas *a posteriori*. A formulação tomista, diz Mondin (1997, p. 217), “procede da esseeidade contingente dos entes para concluir pela subsistência do ser”. As célebres cinco vias da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino abrem uma grande discussão acerca da existência de Deus; contudo, não somente aqui, mas toda a sua metafísica cumpre este papel. A inovação tomasiana, em sua metafísica acerca da existência de Deus, parte do ente em direção ao ser. Por isso mesmo, a sua prova é considerada *a posteriori*. Santo Tomás parte da ideia de perfeição absoluta e depois faz a relação com os seres imperfeitos, ou seja,



do ser perfeito com os entes. Sob o influxo destas motivações da filosofia medieval, Descartes desenvolve, na modernidade, seu argumento ontológico, o qual servirá de prova da existência de Deus. Este argumento foi descrito nas suas meditações metafísicas e é demonstrado de forma *a priori*.

#### 4.3 A terceira prova da existência de Deus (*a priori*)

Depois de apresentar as duas primeiras provas da existência de Deus, ambas demonstradas de forma *a posteriori*, Descartes, em sua *Quinta Meditação*, constrói um outro argumento, este, ao contrário dos dois primeiros, constitui uma prova *a priori*. Esta é conhecida como argumento ontológico, assim denominado por Kant. Este argumento já não pretende provar a existência de Deus através do “eu”, nem por meio do “eu” na posse da ideia de Deus; estas foram as duas primeiras provas de Descartes. Agora o que se quer mostrar é que Deus existe através da sua própria essência (do ser perfeito), gerando um argumento *a priori*, considerado com grande importância entre os demais. Todas as provas estão relacionadas a um plano metafísico. É de suma importância nesta prova a forma como o pensador francês a desenvolve, fundamentando-se em certezas matemáticas.

Introduzindo o pensamento cartesiano acerca da última prova da existência de Deus presente nas meditações, comenta Emanuela Scribano (2007, p. 131):

A quinta meditação reserva uma surpresa. Ao lado da análise da essência das coisas materiais, ela reabre o capítulo das demonstrações da existência de Deus, apresentando uma nova prova, a prova *a priori*, que Kant chamará de ontológica. Essa prova é bastante simples: utiliza como premissa maior a definição de existência (a existência é uma perfeição), e em seguida deduz delas que Deus existe, a partir do momento em que aquele que negasse a existência de Deus contradiria a definição dele e cairia assim em contradição.

Almeja-se nesta prova demonstrar a existência de Deus unicamente pela sua definição. Conforme o argumento, negar que Deus existe implica automaticamente uma contradição. Esta prova faz lembrar o argumento utilizado por Santo Anselmo para provar a existência do Ser supremo.

A prova de Descartes aproxima-se da de Anselmo não simplesmente pelo fato de ser um argumento ontológico, mas também porque Anselmo assumiu como premissa maior na sua definição de Deus a sentença: “Deus é o ente do qual não se pode pensar nada maior”. Quem aceitasse tal definição não cairia em contradição, ou seja, não é possível pensar em um ente que seja maior do que Deus. Entretanto, ainda que muito próxima da prova anselmiana,



Descartes a assume sob outra perspectiva, elevando-a a um âmbito puramente racional, dispensando qualquer outro tipo de contribuição, como a adesão da fé, por exemplo.

Na *Quinta Meditação*, sob o título: *Da essência das coisas materiais; e, novamente, de Deus, que ele existe*. Descartes inicia sua reflexão reafirmando que a ideia que possui de Deus não lhe foi atribuída pelos sentidos. Como ele mesmo falou anteriormente, estes nos enganam. Tal ideia só pode ter origem no próprio Deus. Deus é o ser que não pode não ser, e a sua ideia existe em nós posta por ele mesmo. Antes, porém, de adentrar de maneira mais segura em sua prova, o filósofo enuncia em sua meditação argumentos quanto à validação das essências matemáticas. Estas, segundo Descartes, não são inventadas nem extraídas da experiência, o que comprova sua veracidade e imutabilidade. É com base nestas afirmações que Descartes percebe a necessidade de criar outra prova da existência de Deus. Então, diz o filósofo:

Ora, agora, se do simples fato de que posso tirar do meu pensamento a ideia de alguma coisa segue-se que tudo quanto reconheço pertencer clara e distintamente a esta coisa pertence-lhe de fato, não posso tirar disto um argumento e uma prova demonstrativa da existência de Deus? É certo que não encontramos menos em mim sua ideia. isto é, a ideia de um ser soberanamente perfeito, do que a ideia de qualquer figura ou qualquer número que seja. (DESCARTES, 1988, p. 56).

Para Descartes, pensar em Deus é pensar na sua própria essência. É impossível separar Deus de sua essência. Não obstante esta evidência, Descartes não foge à apresentação dos argumentos que o fazem pensar assim e justificam a veracidade de suas ideias. Nesta argumentação, o pensador questiona a si mesmo, já que antes havia afirmado o fato de que, em muitos casos, a essência pode estar separada da existência. Por esta dedução, no que se refere à existência de Deus, também poderia acontecer o mesmo, caso o raciocínio fosse universal.

A propósito, Descartes (1988, p. 57) declara: “[...] persuado-me facilmente de que a existência pode ser separada da essência de Deus e de que, assim, é possível conceber Deus como não existindo atualmente”. Contudo, ao tempo que Descartes faz esta declaração, logo percebe que ela é falsa e admite que, neste caso, o da existência de Deus, a essência não pode ser separada da existência: “[...] verifico claramente que a existência não pode ser separada da essência de Deus. tanto quanto da essência de um triângulo retilíneo não pode ser separada a grandeza de seus três ângulos iguais a dois retos [...]” (DESCARTES, 1988, p. 57).

Descartes defende que existência e essência estão profundamente ligadas neste caso particular, com isto não se pode conceber que haja a ideia de Deus separada de sua existência. Portanto, é impossível conceber Deus sem voltar, num ato primeiro, à sua essência, da mesma



forma que não se pode conceber uma montanha sem entender a formação inicial de um vale, para usar a comparação cartesiana.

[...] pois pelo fato de que não posso conceber uma montanha sem vale não se segue que haja montanha alguma nem vale algum, mas somente que a montanha e o vale, quer existam quer não, não podem, de maneira alguma, ser separados um do outro; ao passo que, do simples fato de eu não poder conceber Deus sem existência, segue-se que a existência lhe é inseparável, e, portanto, que existe verdadeiramente. (DESCARTES, 1988, p. 57).

De fato, Descartes se apodera de princípios matemáticos evidentes como o da essência do triângulo, cuja soma dos ângulos internos implica necessariamente o valor de  $180^\circ$ . Para o filósofo francês, pensar na essência de Deus, qual em um princípio matemático, determina automaticamente o raciocínio comprobatório da sua existência. Segundo a prova cartesiana, Deus possui todas as perfeições, a existência é uma delas. A própria ideia que se tem de Deus, seu conceito ou a simples definição, exige pela luz da razão conceber necessariamente a sua existência.

Transcorrido este percurso reflexivo, Descartes (1988, p. 59) conclui: “E esta necessidade é suficiente para me fazer concluir (depois que reconheci ser a existência uma perfeição), que este ser primeiro e soberano existe verdadeiramente”. A ideia de Deus não corresponde a uma invenção da natureza ou a uma ilusão do pensamento, mas contendo em si todas as perfeições, e sendo a existência uma delas, Deus existe por toda a eternidade. “[...] vejo claramente que é necessário que ele tenha existido anteriormente por toda a eternidade e que exista eternamente para o futuro. E, enfim, porque conheço uma infinidade de outras coisas em Deus, das quais nada posso diminuir nem mudar” (DESCARTES, 1988, p. 58).

Portanto, a impossibilidade de conceber Deus sem a sua existência desvela claramente a prova ontológica de Descartes. Através deste raciocínio, chega-se a mais uma verdade capaz de garantir a certeza da ciência por ele apresentada. Descartes (1988, p. 59) mesmo a confirma: “E, assim, eu jamais teria uma ciência verdadeira e certa de qualquer coisa que seja, mas somente opiniões vagas e inconstantes”. A certeza da existência de Deus traz consigo maior vigor a esta nova ciência filosófica. Descartes é seguro de que o conhecimento distinto e claro de tudo realiza-se somente a partir do conhecimento de Deus; logo, a certeza da existência de um Deus racional substancia, ao mesmo tempo, o fundamento seguro da filosofia cartesiana. Descartes, em sua filosofia, não visa primordialmente a demonstração de Deus conforme entendiam os escolásticos. Seu sistema ocupa-se com um Deus puramente racional, estruturado na escala do ser, como observa Abbagnano (2000, p. 42):

E, na realidade, o conceito cartesiano de Deus é desprovido de todo o caráter religioso. [...] o Deus de Descartes não tem nada a ver com o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacob, com o Deus Cristão; é, simplesmente, o autor das verdades geométricas e da ordem do mundo.

O conhecimento verdadeiro deste Ser perfeito confirma a veracidade da ciência. Sem a existência de Deus seria impossível conceber as coisas com muita clareza. O Deus de Descartes é poderoso e existe verdadeiramente na mente humana, isto subjaz à existência de todas as outras coisas. Esta existência é constatada pelo ser pensante, que percebe e reconhece a existência de um Ser supremo e a partir dele, do seu fundamento absoluto, encontra todas as outras coisas.

Conclui-se desta última prova cartesiana, a respeito da existência de Deus, a sua grande relevância filosófica para a filosofia, principalmente no contexto histórico da época. Um Deus racional é demonstrado por Descartes através de argumentos sólidos. Este último, o argumento ontológico, faz compreender a existência de Deus demonstrada a partir da ideia de *inseparabilidade*, isto é, da impossibilidade de separar a essência divina da sua existência. Por esta fato é impossível conceber Deus como não existente. A sua perfeição, que inclui todos os atributos perfeitos, subtende necessariamente a existência. A certeza de que existe um Ser supremo é para o sistema cartesiano sinal de luz, posto que a mesma existência divina assegura a certeza de um conhecimento verdadeiro e afirma a nova ciência filosófica inaugurada por Descartes. A inovação cartesiana representa, para a época, um novo vigor filosófico, por meio da racionalidade moderna apresentada no sistema cartesiano.



E, na realidade, o conceito cartesiano de Deus é desprovido de todo o caráter religioso. [...] o Deus de Descartes não tem nada a ver com o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacob, com o Deus Cristão; é, simplesmente, o autor das verdades geométricas e da ordem do mundo.

O conhecimento verdadeiro deste Ser perfeito confirma a veracidade da ciência. Sem a existência de Deus seria impossível conceber as coisas com muita clareza. O Deus de Descartes é poderoso e existe verdadeiramente na mente humana, isto subjaz à existência de todas as outras coisas. Esta existência é constatada pelo ser pensante, que percebe e reconhece a existência de um Ser supremo e a partir dele, do seu fundamento absoluto, encontra todas as outras coisas.

Conclui-se desta última prova cartesiana, a respeito da existência de Deus, a sua grande relevância filosófica para a filosofia, principalmente no contexto histórico da época. Um Deus racional é demonstrado por Descartes através de argumentos sólidos. Este último, o argumento ontológico, faz compreender a existência de Deus demonstrada a partir da ideia de *inseparabilidade*, isto é, da impossibilidade de separar a essência divina da sua existência. Por esta fato é impossível conceber Deus como não existente. A sua perfeição, que inclui todos os atributos perfeitos, subteme necessariamente a existência. A certeza de que existe um Ser supremo é para o sistema cartesiano sinal de luz, posto que a mesma existência divina assegura a certeza de um conhecimento verdadeiro e afirma a nova ciência filosófica inaugurada por Descartes. A inovação cartesiana representa, para a época, um novo vigor filosófico, por meio da racionalidade moderna apresentada no sistema cartesiano.

## 5 CONCLUSÃO

Fica evidente neste trabalho o importante caminho lógico traçado por Descartes na via das provas da existência de Deus. No racionalismo moderno de base cartesiana, encontra-se uma nova maneira de ver o homem e conhecer a Deus. A tradição filosófica prendia-se até então à prática cristã, fundamentada na fé, conforme a inspiração medieval. Descartes pretendeu com sua filosofia reelaborar o conhecimento filosófico dirigindo-o a uma nova prática, totalmente racional, estabelecida no interior do homem. Promoveu uma virada antropocêntrica.

O famoso filósofo francês encontrou na dúvida o objeto preponderante da busca que conduz o homem à verdade primeira. Inaugura, assim, a ciência do método, do qual a Filosofia herda uma nova forma de chegar ao conhecimento. Este método é apresentado por Descartes com clareza e objetividade, no intuito de abrir o pensamento filosófico para a era da *modernidade*, na qual a razão assume o papel de cume de todo conhecimento. Descartes visa a elaboração de uma ciência universal fundada nos princípios geométricos.

A partir do método cartesiano, refletido no início desta pesquisa, foi possível perceber o seu “percurso duvidoso” até a existência de um Ser perfeito. Aos poucos, busca uma verdade primeira, a qual pudesse atribuir toda perfeição possível a um ser. Nesta investigação, Descartes afirma que o homem contém em si a ideia de um Ser perfeito, que não foi inventada nem criada pelo seu próprio engenho, mas foi posta pelo próprio Deus, que é um Ser infinito. O pensador parte da dúvida para chegar a Deus. Todas as descobertas feitas por ele não constituem acontecimentos isolados, mas construções claras e distintas, além de influenciadas mutuamente. Com a questão da existência de Deus, toda a reflexão cartesiana é dirigida para o reconhecimento deste Ser supremo como ápice de todo conhecimento e toda verdade. Deus é um Ser supremo, onisciente e onipotente, que se encontra em nível racional. Ele cria todas as coisas e dele depende a existência de todas elas. Deus é, portanto, a garantia da realidade humana.

Da necessidade de se recorrer a um Ser supremo é possível perceber a grande importância que Descartes atribuiu à existência de Deus em sua filosofia, pois dela depende a validação do sistema cartesiano. Isto se constatou pela busca das primeiras certezas empreendida pelo filósofo, quando se propôs a analisar racionalmente a origem das ideias. No interior de suas *Meditações Metafísicas* surgiram, então, as três provas da existência de Deus. As duas primeiras são demonstradas de forma *a posteriori*. A primeira delas conclui que Deus existe através da ideia inata que se tem dele. Para Descartes, esta ideia foi posta por Deus



mesmo no intelecto humano, já no ato da criação. A segunda prova Descartes inicia com uma reflexão acerca dos graus de perfeição, partindo do pressuposto de que o homem é um ser finito e Deus, infinito, logo, este Ser infinito contém mais realidade que o ser finito, concluindo-se daí que o homem foi criado por Deus e este é um Ser mais perfeito que o próprio homem.

O argumento ontológico ou terceira prova da existência de Deus assim como foi apresentado, tem lugar na *Quinta Meditação*. Descartes parte da existência em sentido próprio, ou seja, não mais de algo, como nas outras duas provas anteriores, mas da própria essência. Deus existe por si só, dado que a existência não pode ser separada da essência.

A necessidade como inseparável da essência faz com que esta inclua o atributo da existência. Então Descartes prova que Deus existe verdadeiramente, e estas três demonstrações foram registradas em suas *Meditações Metafísicas*. Este estudo oportuniza mostrar como chegar a Deus de forma racional, seguindo o método que é, para Descartes, legítimo critério.

Tanto as provas cosmológicas como a ontológica se apresentam no sistema cartesiano de maneira coerente e em sentido metafísico. Deus é como uma luz para o plano de Descartes, a sua ideia representa solidez para o ambiente da nova ciência. Nas *Meditações Metafísicas*, contra o aparente ateísmo científico, o autor afirma que Deus existe verdadeiramente, e pode ser encontrado pela via racional na filosofia. Deus existe, não é um Deus distante, pelo contrário, é um Deus encontrado pela razão, ou seja, no interior do próprio homem.

A existência de Deus é um debate sempre atual, bem como a discussão sobre o projeto filosófico de René Descartes. A posição cartesiana acerca de um Ser sumamente perfeito, embora não definitiva, ilumina toda a modernidade e desvela quanto seja razoável pensar o tema de Deus e do seu valor para o homem, ainda que para ele, de início, a reflexão se limite ao âmbito epistemológico. É justamente neste ambiente, porém, que o filósofo francês abre oportunidades para um rico diálogo, no qual Deus e a ciência não se opõem duramente.

Embora não tenha considerado, pelo menos nos escritos, a via da fé, Descartes contribuiu largamente com o argumento da existência de Deus à luz da razão. Na contemporaneidade, enquanto avança o secularismo, as provas cartesianas ressurgem como um caminho importante a ser considerado no dilema onipresente da existência de um Ser supremo de que dependem todas as coisas.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. 5. ed. Lisboa: Editora Presença, 2000. v 6.
- ANSELMO. **Proslógio**. In: \_\_\_\_\_. (Monológio, A verdade, O gramático). In: ABELARDO, Pedro. (Lógica para principiantes, A história das minhas calamidades). 3. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1984.(Os pensadores).
- ALQUIÉ, Ferdinand. **A filosofia de Descartes**. Lisboa: Editora Presença, 1969.
- CORETH, Emerich. **Deus no pensamento filosófico**. São Paulo: Loyola, 2009.
- COTTINGHAM, John. **Dicionário de filósofos: Dicionário Descartes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Meditações Metafísicas**. In: \_\_\_\_\_. (Objeções e respostas, Cartas). 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987. v 2. (Os pensadores).
- ESTRADA, Juan Antonio. **Deus nas tradições filosóficas: da morte de Deus à crise do sujeito**. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2.
- JESUS, Luciano Marques de. **A questão de Deus na filosofia de Descartes**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Descartes existencial**. São Paulo: Editora Herder, 1969.
- LARA, Tiago Adão. **Caminhos da Razão no Ocidente: a filosofia ocidental, do Renascimento aos nossos dias**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 1981. v 2.
- \_\_\_\_\_. **Quem é Deus?: Elementos de teologia filosófica**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: do Humanismo a Kant**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1990. 2 v.
- SCRIBANO, Emanuela. **Guia para leitura das meditações metafísicas de Descartes**. São Paulo: Loyola, 2007.
- SKIRRY, Justin. **Compreender Descartes**. Petrópolis: Vozes, 2010.